

Com vaga precária, desemprego vai a 11,8% e tende a cair este ano

Por Bruno Villas Bôas e Thais Carranço

Depois de surpreender positivamente ao longo do ano passado, o mercado de trabalho deve seguir em gradual recuperação em 2018. Analistas consultados pelo Valor estimam que a taxa de desemprego, que foi de 11,8% no quarto trimestre de 2017, deve ceder para 10% a 11,3% no fim deste ano.

Mais do que uma redução da taxa, eles acreditam que a recuperação da atividade econômica em ritmo mais rápido vai produzir empregos de melhor qualidade no país, com carteira de trabalho assinada. Em 2017, a melhora foi integralmente calcada em postos informais e por conta própria, o que levou a uma precarização do mercado de trabalho.

Conforme dados divulgados ontem pelo IBGE, a taxa de desemprego foi de 11,8% no quarto trimestre do ano passado, 0,2 ponto percentual abaixo do mesmo período de 2016 (12%). Isso foi resultado da geração de 1,8 milhão de empregos, quase todos informais - 598 mil pessoas foram empregadas sem carteira assinada e 1,1 milhão começaram a trabalhar por conta própria. Com toda a melhora, havia 12,3 milhões de pessoas desempregadas no país.

Segundo economistas, o ritmo de geração de vagas não deve ser muito diferente neste ano: de 1,75 milhão a 2 milhões de pessoas devem encontrar uma ocupação. Essa desempenho estará assentado, no entanto, em uma recuperação mais acelerada e disseminada da atividade econômica.

O Produto Interno Bruto (PIB) deverá crescer 2,66% em 2018, superior ao 1% estimado para o ano passado, de acordo com as projeções de analistas ouvidos pelo boletim Focus, do Banco Central.

"O emprego informal foi uma válvula de escape e responsável por essa recuperação do emprego em 2017, mais rápida que a imaginada. Com a atividade acelerando, a expectativa é que haja mais geração de postos formais de trabalho. Faz mais sentido agora para o empregador pagar os custos relacionados a uma contratação", disse Arthur Manoel Passos, analista do Itaú Unibanco, que projeta taxa de desemprego em 11,3% no quarto trimestre deste ano.

INFORME

Retomada do mercado de trabalho

Taxa de desemprego - em %



1,6%

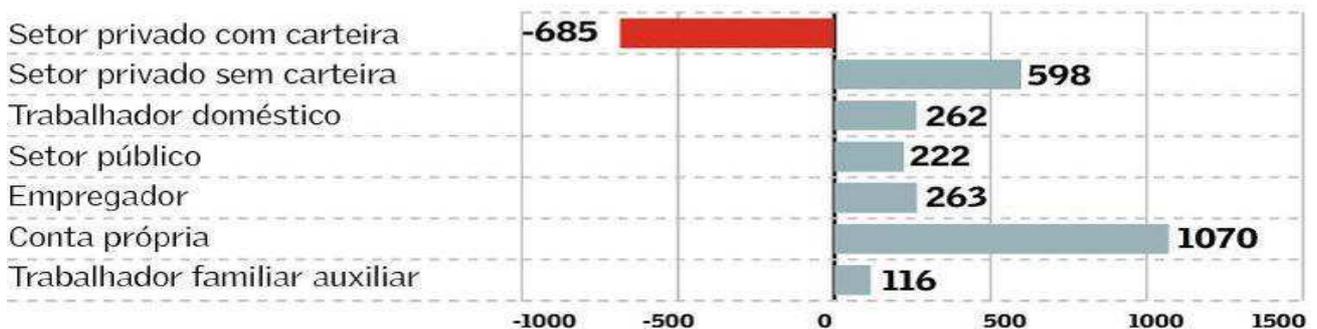
foi o crescimento da renda real frente ao 4º tri de 2016

3,6%

foi o crescimento da massa salarial frente ao 4º tri de 2016

Empregos gerados

Variação entre 4º tri de 2016 e o 4º tri de 2017 - em mil



Fonte: IBGE

Essa recuperação do emprego formal já estaria em curso nos últimos meses, segundo Bruno Ottoni, economista do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV). Como o trabalho com carteira geralmente paga melhores salários e tem maior estabilidade, o economista não descarta uma mudança de comportamento das famílias em direção ao mercado de trabalho.

INFORME

"Durante a crise, membros de uma mesma família deixaram a inatividade para buscar emprego e apoiar a renda do lar. É um movimento que pode agora cessar, especialmente com a retomada do emprego formal pelos chefes de família.

Se confirmado, filhos e cônjuges poderão deixar de procurar emprego e reduzir a pressão sobre o mercado. Isso pode contribuir para uma queda ainda maior da taxa de desemprego", disse Ottoni.

No campo dos salários, a consultoria Tendências prevê crescimento real 1,3% no rendimento médio real ao fim deste ano, frente ao quarto trimestre de 2017. Essa alta, uma vez confirmada, seria ligeiramente menor que a apurada em 2017, de 1,6% no três últimos meses do ano. Por um lado, empregos de melhor qualidade pagam melhores salários. De outro, o reajuste do salário mínimo foi menor em 2018 e a inflação deverá ser maior.

Para analistas, o ano ainda guarda, porém, uma série de riscos para a atividade econômica e para o mercado de trabalho. O ambiente global, a incerteza fiscal e as eleições presidenciais são o tripé que pode gerar instabilidade na recuperação da atividade e do emprego em 2018, devido ao seu potencial para afetar a confiança e a oferta de crédito para as empresas, segundo Roberto Padovani, economista-chefe do Banco Votorantim.

"Existe um consenso entre os economistas de que a recessão acabou e a retomada está em curso. O dissenso que existe é quanto ao ritmo, se prevalecerá uma retomada mais robusta ou mais frágil", afirma Padovani, que está na ponta mais otimista do espectro, prevendo uma taxa de desemprego de 10% ao fim deste ano, bem abaixo da taxa de 11,8% registrada no quarto trimestre de 2017.

"O que pode ser um risco neste cenário é um mercado de crédito muito travado, principalmente para as empresas, o que pode dar um tom um pouco mais negativo para 2018 do que eu imagino", diz Padovani.

Para Daniel Silva, economista da Modal Asset, uma recuperação mais consistente do trabalho formal só deve ocorrer passadas as eleições, no último trimestre deste ano ou começo de 2019.

"O grande fator para isso seria uma retomada mais forte da indústria e dos investimentos, o que só tende a ocorrer passadas as eleições e concretizado o cenário de um candidato de centro-direita, que continue a atual agenda de reformas. Até lá, o mercado formal tende a continuar mais lento, diante do atual cenário de incertezas", afirma o economista.

INFORME

Produção industrial sobe 2,8% em dezembro e tem alta de 2,5% em 2017

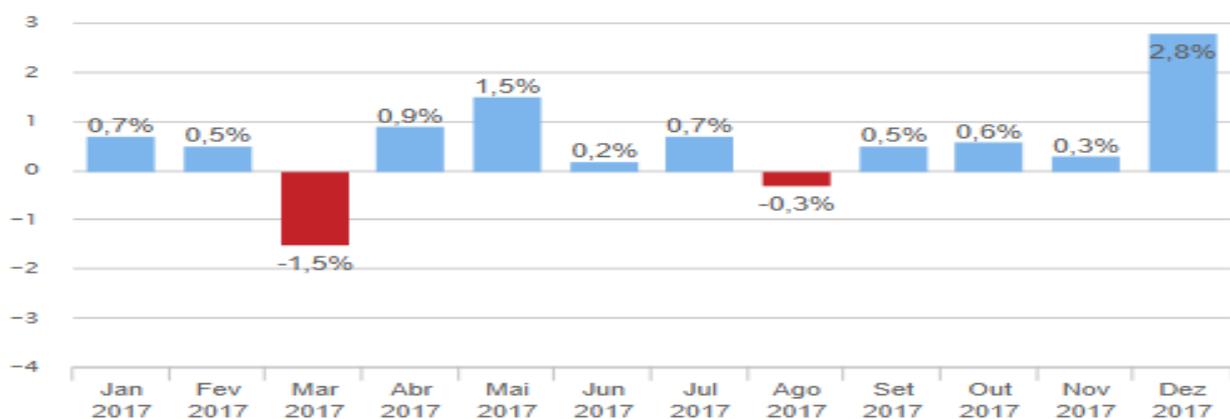
Por Bruno Villas Bôas RIO

A produção industrial brasileira surpreendeu positivamente ao crescer 2,8% em dezembro de 2017, na comparação com o mês anterior, pela série com ajuste sazonal. Foi a maior alta desde junho de 2013 (+3,5%), de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Com o resultado, a indústria fechou 2017 com crescimento acumulado de 2,5%, após três anos de perdas. A produção não crescia de forma tão acelerada desde 2010 (+10,2%). Claro que, apesar de positivo, o avanço reduz apenas parte da baixa acumulada de 2014 a 2016, de 16,7%. As quedas foram de 3% em 2014, 8,3% em 2015 e 6,4% em 2016.

O desempenho da indústria em dezembro ficou praticamente no teto das estimativas de 24 consultorias e instituições financeiras consultadas pelo Valor Data, que apontavam, em média, para um avanço de 1,7%, com intervalo de 0,5% a 3% de aumento. Quando comparada a dezembro de 2016, a produção industrial teve alta de 4,3%. Por esse tipo de comparação, o setor cresceu 4,7% em novembro. Além do bom desempenho da indústria na passagem de novembro para dezembro de 2017, o IBGE revisou para cima o desempenho de meses anteriores. A produção de agosto passou a ter uma queda menor, de 0,3% (ante recuo de 0,6%). O resultado de novembro foi revisto de 0,2% para 0,3% de elevação.

Produção industrial

Varição frente ao mês anterior, com ajuste sazonal



Fonte: IBGE

(Fonte: Valor Econômico – 01/02/2018)

Desemprego diminui no ABC com recuperação da indústria

Por outro lado, nível de ocupação na Região Metropolitana de São Paulo teve leve queda no último mês de 2017, com menos pessoas em busca de trabalho

Recuperação do ramo automotivo da indústria de transformação do ABC favoreceu melhora do emprego na região em dezembro de 2017

RENATO GHELFI DE SÃO PAULO

A taxa de desemprego na região do ABC recuou 1 ponto percentual entre novembro e dezembro de 2017, chegando a 17,7%. Os dados foram divulgados ontem (31) pela Fundação Seade e pelo Dieese.

De acordo com o porta-voz do estudo, a retomada da indústria de transformação, especialmente nos setores mecânico e automotivo, favoreceu a melhora do mercado de trabalho na região.

“O ABC foi uma das áreas [do Estado de São Paulo] mais afetadas durante a crise econômica, porque a indústria local teve perdas muito fortes. Como a base de comparação é mais fraca, a recuperação do trabalho acaba sendo mais expressiva”, afirma Alexandre Loloian, economista da Seade.

Segundo ele, o avanço dos dados de emprego no ABC foi causado por aumentos nos números de trabalhadores ocupados e de pessoas que deixaram de procurar emprego. “Mais gente acessou o mercado, mas mais gente parou de tentar esse acesso.”

Piora nos dados

Na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), por outro lado, a ocupação caiu 0,2% em dezembro, na comparação com novembro. Puxaram o resultado negativo os desempenhos da indústria (-2,8%) e de serviços (-0,6%), enquanto cresceram a construção (7,3%) e o comércio (0,9%).

“No último mês do ano, é normal essa queda da ocupação para serviços e indústria, porque muitas empresas realizam ajustes nas folhas de pagamento nessa época”, diz Loloian. Ele também destaca a retomada da construção, que teve seguidas quedas nos últimos anos, e afirma que o resultado do comércio é normal para o período que antecede o Natal e o Ano-Novo.

INFORME

Já População Economicamente Ativa (PEA) registrou queda de 0,6% na RMSP em dezembro, o que não é comum para o período, diz Loloian. “Isso significa que menos pessoas procuraram emprego no período do ano em que ocorre um aumento das vagas temporárias”, explica o especialista.

Com o recuo na procura por trabalho, a taxa de desemprego na RMSP caiu para 16,9% em dezembro de 2017, depois de ficar em 17,2% em novembro. Além da redução da taxa no ABC, foi registrada estabilidade no mercado de trabalho da capital (16,5%) e uma leve baixa na taxa de desemprego da sub-região leste, que inclui Guarulhos e Mogi das Cruzes (de 19,2% para 19,6%).

Salários

Entre outubro e novembro do ano passado, o rendimento médio dos trabalhadores assalariados na RMSP teve queda de 1,4%, para R\$ 2.055.

As principais baixas nos ganhos foram vistas na indústria de transformação (-6,1%) e no setor de serviços (-1,5%), enquanto o comércio registrou leve alta, de 0,3%. Os salários dos trabalhadores autônomos caíram 1,4%, acompanhando o recuo dos rendimentos dos empregados com carteira assinada (-3,1%). Já os funcionários não registrados viram seus recebimentos crescerem 2,6% entre outubro e novembro.

Projeções

Segundo os especialistas consultados pelo DCI, o mercado de trabalho paulista deve ganhar força nos próximos meses, acompanhando a recuperação econômica do País.

Professor de economia da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), Eduardo Mekitarian diz que a comparação com os últimos anos facilita a retomada do emprego. “O mercado de trabalho despencou durante a crise, então certamente teremos uma melhora em 2018”.

O nível dessa recuperação, diz ele, vai depender do avanço da reforma da Previdência. “Se for aprovada, o investimento vai crescer mais.”

(Fonte: DCI – 01/02/2018)